

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA
TUTTO FELLINI!
A Cinemateca com a 13ª Festa do Cinema Italiano
4 e 7 de novembro de 2020

IL BIDONE / 1955 *(O Conto do Vigário)*

um filme de Federico Fellini

Realização: Federico Fellini / **Argumento:** Federico Fellini, Ennio Flaiano, Tullio Pinelli / **Fotografia:** Otello Martelli / **Cenários e Figurinos:** Dario Cecchi / **Música:** Nino Rota, dirigida por Franco Ferrara / **Som:** Giovanni Rossi / **Montagem:** Mario Serandrei, Giuseppe Vari / **Intérpretes:** Broderick Crawford (Augusto), Richard Basehart (Picasso), Franco Fabrizi (Roberto), Giulietta Masina (Iris), Giacomo Gabrielli (o "barão" Vargas), Alberto de Amicis (Rinaldo), Sue Helen Blake (Susanna), Lorella de Luca (Patricia), Mara Werlen (a bailarina), Xenia Walderi, Riccardo Garrone, Mario Passante.

Produção: Titanus (Roma) e SGC (Paris) / **Director de Produção:** Giuseppe Colizzi / **Cópia:** DCP, preto e branco, legendado em espanhol e eletronicamente em português, 113 minutos / **Estreia em Portugal:** Eden, em 5 de Outubro de 1956.

"**Il Bidone** foi, para mim, uma obra difícil. Padei e sofri muito por ela. Fiz muitos retoques, cortes, e talvez se sinta nele o esforço do artesão sobre a sua obra. **La Strada**, pelo contrário, foi feito de um só fôlego... Uma das razões pelas quais **Il Bidone** me custou tanto esforço é que as suas personagens têm uma visão opaca da vida, enquanto que os de **La Strada**, "Il Matto" e Gelsomina, têm uma compreensão luminosa. Colocar-me no lugar deles foi uma grata dilatação para o coração e o espírito... Para descrever o mundo de **Il Bidone** tive, pelo contrário, de descer a uma espécie de inferno onde os homens têm uma consciência e relações de animais, quer dizer, limitar-me a mim mesmo na minha espiritualidade para os criar a partir do interior."

A citação é longa mas justifica-se pela forma como explica a génese do mais complexo e contestado filme de Fellini, aquele em que é mais transparente a parábola, a "mensagem" cristã, deste cristão "bruto" como Fellini se considerava. Talvez não seja por acaso que os dois filmes mais abertamente cristãos tenham surgido quase em simultâneo sobre o túmulo do "neo-realismo": **Viaggio in Italia**, de Roberto Rossellini, em 1954 e **Il Bidone** no ano seguinte. O primeiro é o filme da "Graça", do "milagre" da vida e do amor, o segundo o da redenção, o da

morte onde o cristão encontra a liberdade com a esperança da ressurreição. Na sua morte abjecta, Augusto, como refere Henri Agel, conhece-se e conhece Deus. E é das trevas mais profundas que Augusto vê a luz da redenção na mais solitária morte da história do cinema (mesmo que a morte seja sempre um acto solitário). Para lá chegar tem de cometer a mais baixa das ignomínias: o roubo da parálitica acobertado pelas vestes clericais.

Esta posição de Fellini diante das suas personagens (não só os de **Il Bidone**, mas também o Zampanò de **La Strada**) valeu ao realizador violentas críticas por parte da esquerda que o acusava de, em nome do "humano", esquecer o contexto social que gera "vitellonis" e "bidones". Nestas acusações não está só. Com ele é também alvo o Rossellini posterior a **Il Miracolo** (com argumento e interpretação de Fellini).

Il Bidone é o mais sombrio e desesperado dos filmes de Fellini, mesmo que por ele passe a luminosidade da fé. Mas insere-se, com toda a lógica, na coerência da sua obra, como uma das suas etapas necessárias como a citação atrás sugere. Porque as personagens de **Il Bidone** são como projecções de um futuro negro para alguns dos seus Vitelloni. André Bazin dirá: "Os Vitelloni não são nem bons nem maus; são homens que estagnam nos limites do ser. Envelhecidos, ei-los "bidonistas" navegando na mentira e impostura como o peixe na água, cruéis sem maldade, impiedosos com gentileza, cegos à luz e opacos à Graça." Desenraizados da sombra protectora da terra e da família, procurando ainda conservar a inocência por meio do embuste (Picasso ocultando a Iris o seu "trabalho"). Quando essas raízes se fazem sentir, vêm perturbar a rotina organizada (a filha de Augusto), mas podem também marcar, como para este personagem, o início da salvação, a tomada de consciência da ignomínia da sua vida. E a saturnal em que se transforma a festa de fim de ano vem marcar, com o seu excesso, o ponto de ruptura. A partir desse momento, do vazio absoluto, começa a "via sacra" de Augusto: a denúncia e a vergonha da descoberta diante da filha (e sem o perdão que Iris oferece a Picasso), a prisão e a morte.

Para Fellini a realização de **Il Bidone** representa também um acto de libertação necessário, antes de procurar outros rumos abertos por **La Dolce Vita**. Era, aliás, este o filme que o realizador tinha previsto para depois de **La Strada**, sendo uma continuação de **I Vitelloni** acompanhando a odisseia de Moraldo e tinha por título **Moraldo in Città**.

Manuel Cintra Ferreira

Texto originalmente escrito antes da entrada em vigor do novo Acordo Ortográfico